

ENTREVISTA DE ANDRÉ GOMES

O que recorda da altura em que começou a tocar piano? Em que altura sentiu que tocaria piano para o resto da sua vida?

BS – 1. É uma pergunta difícil...recordo-me que tinha algum talento para improvisar e que essa talvez fosse a principal dor de cabeça dos meus professores de piano clássico; 2. Foi em 1992, 11 anos depois de ter começado os estudos de piano, quando me aventurei pela primeira vez em Londres. Foi também aí que comecei a perceber o significado da palavra humildade. Tocava todos os dias, tanto em público como em *jam sessions* organizadas pelos músicos com os quais me fui cruzando por lá. Londres foi, com toda a certeza, o ponto de viragem da minha carreira.

Desde essa altura até aos dias de hoje o rol de momentos importantes para si parece ser enorme. Que momentos destacaria de todos esses?

BS – O convite de **Paquito D’Rivera** para tocar na **United Nations Orchestra**; a apresentação da 1ª banda sonora ao vivo com orquestra (“Maria do Mar” de **Leitão de Barros**); o concerto no CCB a dúo com **Mário Laginha**; a apresentação na Culturgest do novo Álbum “**Ascent**”; o concerto a três pianos com **Mário Laginha** e **Pedro Burmester**; e o momento mais importante de todos: o dia do nascimento da minha filha.

Sente “Nocturno” como um disco que teve um impacto especial junto do público?

Sente-o como um disco especial da sua carreira?

BS – Sinto que é um trabalho muito especial com o meu trio (**Carlos Barretto** e **Alexandre Frazão**), depois de estar quase 7 anos sem gravar em meu nome. É talvez o momento de viragem da minha carreira, ou melhor, aquele em que eu pensei “bom, agora já posso começar a fazer música!”

Ascent, o seu novo disco, foi lançado a 1 de Outubro. Anunciou-o como o desafio mais pessoal da sua carreira. Como se manifestou esse sentimento mais pessoal na composição do disco?

BS – Todo o trabalho foi visto como um todo desde que procurei os primeiros sons e o grande desafio foi atribuir a cada um dos intérpretes um lugar na música deste disco, como se de personagens de uma história fragmentada se tratasse. Os universos sonoros da música erudita e o discurso improvisado do jazz acompanham-me desde há muitos anos e esta foi talvez a primeira vez que os reuni num só disco. Foi também muito importante o trabalho do Nelson Carvalho no som; ele ajudou-me muito na produção e no desenho sonoro das transições de tema para tema.

A autoria do álbum é atribuída ao Bernardo Sasseti Trio 2. Como foi conciliar os dois trios e as suas vertentes clássica e jazzística?

BS – Foi fácil porque a ideia das histórias que se cruzam ao longo da gravação e o lugar de cada instrumento foram imediatamente compreendidos pelos músicos que nela participam. Em termos de disponibilidade e entrega dos músicos só posso dizer o melhor, apesar de saber que todos temos muito trabalho nas nossas carreiras e será difícil conseguirmos conciliar sempre as nossas disponibilidades para futuras apresentações.

Ascent, o seu último disco, foi dedicado a José Álvaro Morais, cineasta com quem trabalhou em Quaresma. Qual o motivo concreto dessa dedicatória?

BS – O tema “Ascent” é dedicado a José Álvaro, pois foi ele que me chamou a atenção para o silêncio na arte e, também, para a contenção no acto de escrever música para cinema. Recordo aqui uma frase inesquecível que ele me disse por telefone, várias vezes: “Bernardo, não te esqueças que em cada subida há sempre uma descida”. Por outro lado, todo o disco é uma homenagem ao cinema em geral, nomeadamente a um dos seus maiores segredos: a montagem. São as tais histórias abstractas das personagens que se vão cruzando ao longo da música e que sugerem a montagem de um filme através de pequenos fragmentos. Sempre pensei que, um dia, gostaria de realizar um filme; ainda não aconteceu, dificilmente acontecerá, mas este disco elogia a presença do cinema na minha vida.

De resto, mantém uma relação muito próxima com o cinema. Aprecia o cinema pelas imagens que poderão estar interligadas com a sua música, a relação entre dois mundos distintos? Aprecia a fusão de linguagens?

BS – Gosto muito dessa ideia; acho mesmo que o futuro está na comunhão das várias formas de arte, visuais e auditivas. No cinema, aprecio o facto de ser um trabalho de constante colaboração, naturalmente condicionado pelas imagens e pela narrativa; tenho aprendido muito nesta área e, sobretudo, com cada um dos realizadores com quem trabalhei, no sentido de encontrar um lugar artístico que possa impulsionar as tensões e distensões de uma história.

O que acha do trabalho de improvisadores portugueses como o Manuel Mota, Sei Miguel, Carlos Zíngaro, Ernesto Rodrigues e Rafael Toral? Sente alguma ligação com o trabalho deles?

BS – De todos os que refere, conheço melhor o Carlos Zíngaro. Ele tem um trabalho notável de exploração tímbrica a par com uma enorme procura pessoal. Sente-se-lhe uma vivacidade imaginativa na exploração de cada tema no preciso momento em que este é executado. Gosto muito de o ouvir. Aprendo com a sua música e fico mais alerta!

Compôs recentemente a banda-sonora do filme Alice... Como foi? Imagino que tenha tomado contacto com o filme ou pelo menos com a história anteriormente... presumo que tenha procurado adequar a sua música ao filme. Foi fácil?

BS – O trabalho com o realizador **Marco Martins**, nesta sua primeira longa-metragem, foi fascinante. Passámos longas horas a falar sobre o filme e debruçámo-nos muito sobre a psicologia das duas personagens principais. O que mais me interessa na música para cinema é exactamente a ideia de poder transmitir musicalmente tudo o que está por detrás das imagens, nomeadamente o interior das personagens. Este é um processo complicado e a sua gestão pode levar meses até conseguir alcançar resultados interessantes e que possam servir o filme. A representação musical dos vários estados de espírito de um ser humano, mais do que a música circunstancial, é o que mais me atrai neste meio de colaboração artística.

Neste filme, Comecei por dividir a música em três capítulos diferentes: o primeiro é a rotina do Mário à procura da filha desaparecida, a sua obsessão e as suas passagens pela cidade; o segundo é a esperança de encontrar Alice, as câmaras de filmar e os vídeos que visiona noite após noite; o terceiro e último capítulo representa o desespero, a solidão e a indiferença estampada no rosto de todos aqueles por quem Mário se cuza na rua.

Em “Alice” todos os *inputs* musicais centram-se quase sempre no interior de um pai que nunca desiste, na reacção contrária da mãe e no vazio máximo causado pelo desaparecimento da sua filha. A composição da música, assim como a sua edição,

devem muito à mestria no trabalho de som da **Elsa Ferreira** (edição) e do **Branko Neskov** (mistura). A meu ver, o som deste filme representa o silêncio interior de um pai *versus* o som agressivo que o rodeia diariamente na cidade de Lisboa.

Em que filme sentiu que a relação entre os dois mundos estivesse melhor conseguida da sua parte?

BS – “Alice”, como já se percebeu, é um filme muito especial para mim; também gosto muito do trabalho com **Margarida Cardoso** em “A Costa dos Murmúrios”, com **Mário Barroso** em “O Milagre Segundo Salomé” e, claro, com **José Álvaro de Moraes** em “Quaresma”. São todos projectos muito diferentes.

Ascent, o seu novo disco, tem também uma relação muito próxima com a fotografia. O que é que nos pode contar acerca disso?

BS – A fotografia é uma forma de expressão que me acompanha diariamente; não sou fotógrafo profissional mas sinto que a minha dedicação às imagens fotográficas passa muito pela ideia de poder servir a música que componho, sendo por isso um assunto muito sério; nesse sentido, tenho já ideias muito precisas sobre os dois próximos projectos de gravação e sobre cada um dos seus universos visuais. Pode-se dizer que tenho fotografado imagens que inspiram a música composta, ou vice-versa.

Disse recentemente que hoje em dia preocupa-se mais com o silêncio do que propriamente com o som. De que forma é que isso se revela na sua música?

BS – O silêncio tem-se revelado como uma necessidade absoluta, porque é através do meu silêncio interior que nascem as primeiras ideias. São poucos os músicos de jazz que exploram realmente (repito realmente) esta forma de expressão musical – que é também uma enorme fonte de energia e uma forma de expressão muito orgânica e com a qual me identifico muito. Gosto sobretudo de criar uma música suspensa, quase intemporal em que o tempo de cada nota não é, nem deve ser, um dado adquirido. Mais relevante ainda é a importância que dou às ressonâncias do interior do piano e à preocupação que tenho com o som das notas e dos acordes. Este é só o princípio do princípio; uma das próximas gravações o dirá com mais certezas.

Tem dois projectos em mão neste momento; um com o grupo portuense Drumming e o outro com a orquestra clássica do Algarve. Em que consistem estes dois projectos e em que ponto estão eles?

BS – O projecto com o Drumming está em fase avançada de composição; entraremos muito brevemente em estúdio num estilo musical completamente diferente do último disco, baseado no universo da percussão. O concerto para dois pianos e orquestra, com o Mário Laginha e a orquestra do Algarve, vai ser apresentado em Lagos, a 11 de Fevereiro de 2006.

O duo que mantém com Mário Laginha é algo especial para si? Quais são os projectos futuros para esse projecto?

BS – Adoro tocar em dúo com o Mário; aprendemos muito a tocar em conjunto e o respeito pelas composições e formas de interpretar é mútuo. Projecto, projectos, projectos...tocar, tocar, tocar e continuar a desenvolver uma cumplicidade que me parece única; pensamos gravar num futuro próximo.

Como vê a quantidade e qualidade da música jazz feita em Portugal nos dias de hoje em comparação com os tempos em que começou a tocar?

BS – Existe muita malta nova a tocar bem. E, sobre isso, devo acrescentar que o Hot Clube de Portugal tem feito um trabalho notável na divulgação e ensino deste tipo de música. É também muito importante incentivar as novas gerações e empurrá-las lá para fora, onde os meios artísticos são mais completos...respirar novos ares é sempre bom! Penso que deviam existir mais infra-estruturas de apoio aos músicos em Portugal, salas de ensaio a preço simbólico e espaços de encontro para que os músicos possam desenvolver os seus trabalhos, individualmente ou em grupo.

O número de festivais de Jazz em Portugal tem crescido bastante ultimamente. Acredita na sobrevivência e qualidade de todos eles?

BS – Acredito que sobrevivam; só tenho pena que as presenças portuguesas sejam tão (tão tão) minoritárias, nomeadamente na reunião de músicos locais com músicos estrangeiros*. De uma coisa tenho a certeza: não é difícil pensar em projectos interessantes, basta fazê-los com continuidade. Mas hoje, infelizmente, tudo remete para fins comerciais e receitas de bilheteira. A meu ver, e salvo raras excepções, os ingredientes deveriam ser outros, as propostas (a músicos e públicos) mais exigentes e as receitas poderiam ser repensadas - de forma a contribuir mais para o pequeno meio do jazz português.

Coisas boas: não posso deixar de referir os excelentes momentos anuais que são A Festa do Jazz no São Luiz e o Festival de Jazz do Valado; aí sim, respira-se a ideia de “família do jazz” em Portugal.

* Não me refiro a presenças minhas, a solo ou em grupo; aliás, não tenho quaisquer razões de queixa; refiro-me aos novos músicos, alguns dos quais com enorme talento, que deviam ser mais apoiados pelas entidades organizadoras dos principais festivais de jazz.

Os mitos dizem que a taciturnidade, a solidão e a noite são elementos essenciais para a escrita da música. Do que precisa Bernardo Sasseti para compor?

BS – Os mitos são sábios e a noite é fértil...Para além de inspiração, só preciso de silêncio e de espaço mental para compor. Mesmo que não componha, posso ficar horas seguidas a olhar para o infinito. Também é bom saber que o telefone só muito raramente toca a altas horas da noite.

Também gosto do vazio dos dias feriados em Lisboa...